

A ALTERNÂNCIA TER/HAVER EXISTENCIAIS NA FALA MACEIOENSE

THE INTERCHANGE TER/HAVER EXISTENTIAL IN THE MACEIOENSE SPEECH

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória¹

Resumo: Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1972), analisamos as construções existenciais formadas com os verbos *ter* e *haver* na fala de 20 informantes maceioenses do sexo feminino, pertencentes a dois níveis de escolarização e constatamos não só que há variação *ter/haver* na comunidade estudada e que o uso de *ter* é amplamente maior, como também que tal variação é condicionada pelos fatores escolaridade e tempo verbal.

Palavras-chave: *ter/haver* existenciais; língua falada; variação linguística

Abstract: Based on theoretical and methodological assumptions of the Theory of Linguistic Change (Labov, 1972), we analyzed the structures formed with existential verbs “*ter*” and “*haver*” in the speech of 20 female maceioenses informants, from two levels of schooling and we found that not only there is “*ter/haver*” variation in the studied community and that use of “*ter*” is widely great, as well as that such variation is conditioned by the factors of education and verbal tense.

Key-words: “*ter/haver*” existential; spoken language; linguistic variation

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista que diferentes estudos sociolinguísticos com base em dados de língua oral (DUTRA, 2000; CALLOU; AVELAR, 2000; SILVA, 2001; DUARTE, 2003; MARTINS; CALLOU, 2003) e escrita (VITÓRIO, 2007, 2010a) têm mostrado que, no português brasileiro, construções existenciais são normalmente formadas com o verbo *ter* e que fatores de ordem linguística e social têm condicionado a alternância dessas formas verbais, objetivamos analisar como os verbos *ter* e *haver* em construções existenciais se comportam na fala maceioense em dois grupos de escolaridade diferenciada, uma vez que o nível de escolarização dos falantes tem sido apontado como um dos fatores que ainda favorece a recuperação e manutenção de *haver existencial* (VITÓRIO, 2010b).

Para a descrição e explicação das unidades linguísticas aqui analisadas, realizamos uma análise quantitativa com o intuito de responder as seguintes questões: há variação *ter* e *haver* existenciais no *corpus* analisado? Considerando a existência de variação, que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam o uso de uma ou outra

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará, especialista em Linguística e Ensino do Português pela mesma instituição e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas. Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas e bolsista da CAPES. E-mail: elyne.vitorio@gmail.com.

forma verbal? É realmente a escolarização um fator condicionante na realização de *haver existencial*?

Como respostas provisórias às questões acima formuladas, propomos as seguintes hipóteses: há variação *ter* e *haver existenciais* na comunidade estudada, com um percentual maior da variante inovadora *ter existencial*, sendo a variação aqui analisada influenciada pelos fatores tempo verbal, animacidade do SN objeto, natureza do SN objeto e escolaridade, indicando que a variante inovadora é mais frequente nos seguintes contextos: tempo presente, SN objeto animado, SN objeto concreto e no grupo de falantes menos escolarizado, mostrando ser a escolarização um fator social bastante relevante para a realização de *haver*.

Nosso texto está assim organizado: na seção seguinte, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos utilizados neste estudo; a fonte dos dados analisados, delineamos na seção 3; na seção 4, mostramos os resultados obtidos para as realizações de *ter* e *haver existenciais* e os fatores condicionantes deste estudo; e em 5, finalmente, apresentamos as conclusões a que este estudo nos permitiu chegar.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nossa análise foi feita com base nos princípios teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1972), que põe, em destaque, a variação como um axioma e considera que toda língua é dotada de uma heterogeneidade sistemática. Assim, após a delimitação da variável dependente e dos fatores selecionados como potencialmente relevantes para a variação em estudo, fizemos a análise e a codificação de todas as ocorrências das construções existenciais presentes no *corpus*. Em seguida, para o tratamento estatístico dos dados, utilizamos o programa computacional GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que fornece, como produto final, os percentuais e os pesos relativos associados aos diversos grupos de fatores ou variáveis independentes consideradas, bem como a seleção destas em função de sua relevância para a variação do fenômeno analisado, no nosso caso a variação *ter* e *haver* em construções existenciais.²

3. FONTE DOS DADOS ANALISADOS

O *corpus* utilizado neste estudo pertence ao banco de dados do Projeto LUAL – Língua Usada em Alagoas e foi coletado pela pesquisadora Lúcia de Fátima Santos, no período de maio a junho de 1994. É composto de dez horas de gravações magnetofônicas da fala de 20 informantes do sexo feminino: dez informantes com curso superior e dez informantes com apenas até a 4ª série do ensino fundamental ou analfabeta. Optamos pela estratificação desta amostra, tendo em vista não só que a variável sexo tem se apresentado como não influente na variação em estudo, apresentando assim um comportamento de neutralidade entre homens e mulheres

² Para uma rodada básica no GOLDVARB X, sugerimos a leitura do texto de Santos e Vitória (no prelo).

(CALLOU; AVELAR, 2000; VITÓRIO, 2008; VITÓRIO, no prelo), mas também que a variável escolaridade tem se mostrado um fator extralinguístico bastante significativo no comportamento variável de *ter* e *haver* em construções existenciais (SILVA, 2001; VITÓRIO, 2010a; 2010b).

4. RESULTADOS ALCANÇADOS

Analizamos um total de 209 construções existenciais formadas com os verbos *ter* e *haver*, e constatamos que, na comunidade estudada, apenas os fatores escolaridade e tempo verbal foram selecionados pelo GOLDVARB X como estatisticamente significativos, corroborando, em parte, a nossa hipótese de que os fatores animacidade e natureza do SN objeto também condicionariam a variação em estudo. São os resultados da variável dependente e das variáveis estatisticamente significativas que apresentamos neste estudo.

4.1. Variável dependente

De acordo com os dados apresentados na tabela 1, das 209 construções existenciais analisadas no *corpus* em estudo, 195 ocorrências foram realizadas com o verbo *ter existencial* e 14 ocorrências foram realizadas com o verbo *haver existencial*. Esses resultados nos mostram um percentual de 93% de *ter* contra apenas 7% de *haver*, indicando que há variação *ter* e *haver* na comunidade estudada e que o percentual de *ter* é bem maior do que o de *haver*.

Variantes	Total de ocorrências	Percentuais
Ter existencial	195	93%
Haver existencial	14	7%
Total	209	100%

Tabela 1: Realizações de *ter* e *haver* existenciais

- (1) *tem* umas partes assim agressivas (I9L1088) ³
- (2) *tinha* uma enfermeira que apaixonou-se por ele (I7L851)
- (3) *há* dois adultos e três adolescentes (I9L1163)
- (4) na época *havia* muito aquele romantismo (I3L199)

Esses resultados corroboram não só a afirmação de Franchi, Negrão e Viotti (2008, p. 106) de que “a distribuição dos verbos nas construções existenciais do PB mostra o privilégio às construções com *ter* sobre *haver* e *existir*”, como também os resultados dos estudos sociolinguísticos sobre a variação *ter/haver* (DUTRA, 2000;

³ Os códigos apresentados entre parênteses, após os exemplos, referem-se às seguintes orientações das ocorrências: uma letra I seguida de um número, que representam uma informante específica e uma letra L seguida de um número, que indicam a linha de ocorrência do fenômeno na amostra analisada. Assim, uma codificação do tipo I9L1088, nos diz que a realização da construção existencial foi feita pela informante 9 e se encontra na linha 1088 da amostra.

CALLOU; AVELAR, 2000; SILVA, 2001; DUARTE, 2003; MARTINS; CALLOU, 2003; VITÓRIO, 2007, 2010a, 2010b), que apontam que *ter existencial* é amplamente utilizado em tal contexto. No entanto, uma pergunta emerge para possível interpretação dos dados: o que de fato ainda está condicionando a realização de *haver existencial* na comunidade estudada, tendo em vista que o uso de *ter existencial* é quase categórico?

4.2. Escolaridade

A escolaridade foi a primeira variável selecionada pelo programa como estatisticamente significativa na variação em estudo. Para a nossa análise, consideramos dois níveis de escolarização: dez informantes do sexo feminino com apenas até a 4ª série do ensino fundamental ou analfabeta (doravante E1) e dez informantes do sexo feminino com o curso superior (doravante E2). Essa estratificação deve-se ao fato de a teoria sociolinguística apontar que pessoas mais escolarizadas tendem a usar mais as formas consideradas padrão, havendo então uma correlação: maior escolaridade, maior o uso das formas conservadoras, menor a escolaridade, menor o uso das formas conservadoras.

Dessa forma, o estudo desta variável não só permite verificar o nível de consciência linguística do falante e a frequência de estilos variantes que há no sistema, como também explica o papel da escola na modificação do comportamento linguístico de uma comunidade, pois como as escolas, de um modo geral, primam pelo ensino da norma padrão e pelo uso das variantes de prestígio, concordamos com Votre (2003) ao considerar que a instituição escolar gera mudanças na fala e na escrita não só das pessoas que a frequentam, mas também nas comunidades linguísticas dessas pessoas.

Cabe destacar e atribuir à escola um mérito nada desprezível: o de ser responsável por uma parcela relevante da tarefa socializadora que o uso de uma língua nacional, de prestígio, requer. A escola, sozinha, não faz a mudança, mas mudança alguma se faz sem o concurso da escola (VOTRE, 2003, p. 56).

Com relação à variação *ter* e *haver existenciais*, estudos sociolinguísticos têm apontado não só que quanto maior a escolaridade do falante, maior é o percentual de *haver existencial* (SILVA, 2001; VITÓRIO, 2010a), como também que *haver* parece não fazer mais parte do processo natural de aquisição da linguagem, sendo adquirido quando o falante entra em contato com a aprendizagem da língua escrita, não havendo assim a variação *ter/haver existenciais* durante a aquisição da linguagem (AVELAR, 2005; VITÓRIO, 2010b)

De acordo com os dados da tabela 2, observamos que a variante inovadora *ter existencial* apresenta percentuais de 98% para a E1 e 90% para a E2, já a variante conservadora *haver existencial* apresenta 2% para a E1 e 10% para a E2. Embora o percentual da variante inovadora, para os dois níveis de escolarização, seja bastante

alto, percebemos que são as falantes mais escolarizadas que mais aplicam a variante *haver existencial*, indicando que maior a escolaridade, maior é o percentual de *haver*.

Escolaridade	Ter existencial			Haver existencial		
	Aplic/Total	%	PR	Aplic/Total	%	PR
E1	91 / 93	98%	.73	2 / 93	2%	.27
E2	104 / 116	90%	.31	12 / 116	10%	.69

Tabela 2: Realizações de ter e haver existenciais no fator escolaridade

Com o aumento do nível de escolarização, há uma redução na frequência de *ter existencial*. Essa redução nos leva a suspeitar de um efeito positivo da atuação da variável escolaridade sobre a trajetória da variação *ter/haver*, ainda que indireto, tendo em vista a insensibilidade do fenômeno à variação social e o baixo percentual de *haver*, o que pode ser um indício de um processo de mudança já em curso na comunidade estudada.

Ao analisarmos especificamente a aplicação de *ter existencial*, confirmamos a hipótese acima, pois obtivemos um peso relativo de (.73) para as informantes da E1 e (.31) para as informantes da E2, ou seja, a variante inovadora apresenta um índice maior de realização entre o grupo menos escolarizado, sendo possível afirmar que o acesso às regras gramaticais influencia na escolha de uma ou outra variante, principalmente na recuperação e manutenção de *haver existencial*, dado que o uso de *ter* – 98% é quase categórico entre os falantes da E1, o que parece indicar que essas falantes estão reproduzindo em sua fala a gramática que foi adquirida durante o processo natural de aquisição da linguagem, não sendo afetada ainda pelo processo de escolarização.

É o que argumenta Vitória (2010b) ao analisar as realizações de *ter* e *haver* em construções existenciais em dados de crianças entre 7 e 12 anos, tendo em vista que, nesse período, o verbo *ter existencial* apresentou um percentual de realização de 96% e ocorreu em qualquer contexto linguístico, sem qualquer motivação do *input*, diferentemente de *haver*, que apresentou um percentual de 4% e só foi realizado a partir de falas anteriormente ditas pelo adulto, sugerindo que “*haver existencial* provavelmente só deva ser adquirido realmente quando a criança entra em contato com a aprendizagem da língua escrita” (p.61).

Um fato a destacar é que ao analisarmos as construções existenciais, percebemos que os verbos *ter* e *haver* podem ocorrer não só com o sentido *existir*, como em (5) e (6), mas também com o sentido de *ocorrer* e *acontecer*, como em (7) e (8). No entanto, nos dados das informantes da E1, não registramos ocorrências de *haver* com o sentido único de *existir*, mas apenas duas ocorrências em que *haver* pode ser interpretado também com o sentido de *ocorrer* ou *acontecer*, como em (9) e (10). Isso pode ser um indício de que, nesse nível de escolarização, o verbo *haver* seja usado apenas para expressar um fato que ocorreu/aconteceu em um determinado momento,

sendo seu uso com sentido de existir adquirido com o processo de escolarização. Vejamos abaixo a citação de Avelar (2006) sobre tal realização.

- (5) *tem* umas grades lá em casa que é pesada (I9L1074)
- (6) com o irmão não *há* competição (I9L1093)
- (7) *teve* aquelas greves todas na universidade (I6L652)
- (8) numa confusão que *houve* nas ciências médicas (I7L733)
- (9) Sexta-feira *houve* até um acidente com a mais velha (I13L1675)
- (10) A gente foi pra missa – num *houve* missa (I13L2293)

Vou iniciar este artigo descrevendo duas experiências pessoais que ilustram o (ainda pouco compreendido) percurso do verbo *haver* no português brasileiro. Uma das experiências remonta à pergunta de um aluno numa turma de ensino médio para a qual eu ministrava aulas de gramática: “Como se conjuga o verbo *houver* no presente do indicativo?”. O aluno se surpreendeu com a informação de que *houver* faz parte da conjugação de *haver* no futuro do subjuntivo e que, no presente do indicativo, é usado como em *há muitos verbos esquisitos na língua*. Para ele, *haver* e *houver* eram itens de significados diversos: “Se digo há, estou dizendo que algo existe; se digo *houve*, estou dizendo que algo aconteceu. Se *existir* e *acontecer* são diferentes, por que *haver* e *houver* são um mesmo verbo?”. (AVELAR, 2006, p. 49).

A importância do papel da variável escolaridade nas realizações de *ter* e *haver* em construções existenciais é também esboçada por Vitório (2010a). Segunda a autora, são os alunos do ensino fundamental, ou seja, os alunos menos escolarizados, que mais utilizam a variante *ter existencial* na língua escrita e que com o aumento do nível de escolarização dos alunos o uso de *haver* tende a aumentar nos textos desses alunos, passando de 9% na 5ª série do ensino fundamental para 55% no 3º ano do ensino médio.

Variantes	5ª	6ª	8ª	3º
Ter	91%	88%	79%	45%
Haver	9%	12%	21%	55%

Tabela 3: Realizações de *ter* e *haver* existenciais no fator escolaridade

Na verdade, esses resultados mostram que, até certo ponto, há uma interferência da escola quanto ao uso de *haver*, pois à medida que o nível de escolarização aumenta, o uso de *haver existencial* tende a aumentar nos textos escritos. No entanto, são necessários muitos anos de escolarização para que o aluno use as regras prescritas pela escola. Esses dados parecem indicar não só que as produções dos alunos das séries iniciais refletem a gramática adquirida durante o processo de aquisição da linguagem, em que essas crianças ainda não foram afetadas de maneira significativa pela escola, como também que há uma participação decisiva da escola no uso que se faz das variantes *ter* e *haver existenciais* na língua escrita, exercendo, portanto, um papel

preponderante na recuperação e manutenção de *haver existencial* (VITÓRIO, 2010a, p. 85).

4.3. Tempo verbal

Diversos estudos variacionistas envolvendo a alternância *ter* e *haver* em construções existenciais (DUTRA, 2000; CALLOU; AVELAR, 2000; SILVA, 2001; VITÓRIO, 2007, 2010a) apontam a relevância desta variável para o fenômeno. Os resultados dessas pesquisas evidenciam, de maneira bastante sistemática, que a escolha de *haver existencial* é fortemente influenciada pelo tempo verbal expresso na oração existencial, mostrando que, embora *ter existencial* apresente percentuais de uso maiores tanto no tempo presente quanto no tempo passado, este tempo é mais favorável à aplicação de *haver* do que aquele.

Em nossa rodada, o tempo verbal foi a segunda e última variável selecionada como influente na variação em estudo. Para a nossa análise, não só dividimos a variável em dois tempos verbais – passado e presente, como também partimos do pressuposto de que a variante conservadora apresenta um percentual maior de uso quando o verbo é expresso com valor de passado, por apresentar-se como uma forma mais marcada (SANTOS, 1999) e caracterizar-se como um verbo típico de narração (CALLOU; AVELAR, 2000).

(11) naquela época a gente não achava que isso acontecia, mas hoje quando eu olho pra trás eu percebo que *havia* muita coisa festiva (I3L185)

(12) *houve* fraude essas coisas assim e eu me decepcionei (I7L733)

De acordo com os dados da tabela 4, percebemos que *ter existencial* apresenta percentuais de 89% para o tempo passado e 97% para o tempo presente, enquanto que o verbo *haver existencial* apresenta percentagens de 11% para o tempo passado e 3% para o tempo presente, o que nos leva a constatação de que, embora o percentual de *ter* seja amplamente maior nos dois fatores, *haver* apresenta um percentual maior de uso no tempo passado, não só confirmando a nossa hipótese, mas também corroborando os trabalhos sobre esta variação.

Tempo verbal	Ter existencial			Haver existencial		
	Aplic/Total	%	PR	Aplic/Total	%	PR
Passado	91 / 102	89%	.30	11 / 102	11%	.70
Presente	104 / 107	97%	.68	3 / 107	3%	.32

Tabela 4: Realizações de *ter* e *haver* existenciais no fator tempo verbal

Analisando a aplicação de *haver existencial* no fator tempo verbal, obtivemos os pesos relativos de (.70) para o tempo passado e (.32) para o tempo presente, já a aplicação de *ter existencial* nos mostra um peso relativo de (.30) para o tempo passado e (.68) para o tempo presente, confirmando a premissa de que o tempo expresso com

valor de presente é mais favorável à aplicação da variante inovadora, enquanto que o tempo passado é mais inibidor.

- (13) lá *tem* uma lanchonete né um restaurante (I13L1738)
- (14) *tem* uma pessoa que eu gosto muito (I20L2682)
- (15) *tinha* meus sobrinhos que é da mesma idade (I7L799)
- (16) antigamente *tinha* muito baile aí na Pitanguinha (I14L1887)

Os resultados de ambos os fatores reafirmam conclusões anteriores (VITÓRIO, 2010a) de que os tempos verbais mais marcados (por exemplo, o passado) tendem a frear mais a utilização da variante inovadora *ter existencial*, os menos marcados como o presente, por sua vez, impulsionam mais, tendo em vista que tivemos um uso quase categórico de *ter* no fator presente - 97%, mostrando ser o tempo passado um fator mais favorecedor para a manutenção de *haver existencial* no sistema linguístico.

5. CONCLUSÃO

A variação *ter/haver existenciais* tem sido objeto de estudos sistemáticos, que apontam que, no português brasileiro, construções existenciais são normalmente formadas com o verbo *ter* e que o processo de substituição de *haver* por *ter* encontra-se em estágio avançado na língua falada. Dessa forma, buscamos analisar a alternância *ter* e *haver* em construções existenciais na fala de 20 informantes maceioenses e constatamos não só que há variação *ter/haver existenciais* na comunidade estudada e que o percentual de *ter* é maior do que o de *haver*, como também que tal variação é condicionada pelos fatores escolaridade e tempo verbal, mostrando que a variante conservadora é mais frequente entre as falantes mais escolarizadas e em construções existenciais com o verbo no tempo passado.

6. REFERÊNCIAS

- AVELAR, Juanito. *Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português*. Disponível em: http://www.geocities.com/gt_teor_da_gramatica/download/anpoll2005-juanito. Acesso em: 19 dez. 2005.
- AVELAR, Juanito. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n.1, p. 49-74, 2006.
- CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 85-100, 2000.

- DUARTE, M^a Eugênia. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 123-131, p. 2003.
- DUTRA, Cristiane. *Ter e haver na norma culta de Salvador*. 2000. 186f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.
- FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda; VIOTTI, Evani. Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver. *D.E.L.T.A.*, vol. 14, n^o especial, p. 105-131, 1998.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MARTINS, Luciene; CALLOU, Dinah. Mudança em tempo aparente e em tempo real: construções ter/haver existenciais. *Anais do 5^o Encontro do Celsul*, Curitiba, p. 820-825, 2003.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sale; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistic, University of Toronto, 2005.
- SANTOS, Maria. *A variação da concordância verbo/sujeito na fala de alunos da 1^a a 5^a série do 1^o grau, na cidade de Maceió*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.
- SANTOS, Renata; VITÓRIO, Elyne. Uma rodada no GOLDVARB X. In: COSTA, Januacele; SANTOS, Renata; VITÓRIO, Elyne. (Orgs.). *Variação e mudança linguística no estado de Alagoas*. (no prelo).
- SILVA, Rosângela. *Variação ter/haver na fala pessoense*. 2001. 92f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.
- VITÓRIO, Elyne. Ter/haver existenciais na escrita de alunos de 5^a e 6^a séries do ensino fundamental da cidade de Maracanaú/CE. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, vol. 5, n^o. 9, 2007.
- VITÓRIO, Elyne. *Ter/haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL*. 2009. 119f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, 2008.
- VITÓRIO, Elyne. Um estudo sobre a variação ter e haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió. *Revista Eletrônica Via Litterae*, Anápolis, v. 2, n.1, p. 75-87, 2010a.
- VITÓRIO, Elyne. Aquisição e variação dos verbos ter e haver existenciais no PB. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, Atemática – 1/2010, p. 53-63, 2010b.
- VITÓRIO, Elyne. Sobre ter e haver existenciais na norma culta alagoana. In: COSTA, Januacele; SANTOS, Renata; VITÓRIO, Elyne. (Orgs.). *Variação e mudança linguística no estado de Alagoas*. (no prelo).
- VOTRE, Sebastião. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M^a Cecília; BRAGA, M^a Luiza. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.